



## DISCURSO E MEMÓRIA: RUPTURA E RESSIGNIFICAÇÃO DO CORPO VÍTIMA DE *BULLYING*<sup>1</sup>

Thaís Silva Marinheiro de Paula<sup>2</sup>

Ao considerarmos o aumento do percentual de casos de *bullying* dentro do ambiente escolar, é imprescindível buscar conhecer mais sobre essa prática violenta, visto que, de acordo com os estudos de Fante (2011), o *bullying* é caracterizado como uma violência intimidadora, repetitiva e consciente com o intuito de levar medo à sua vítima de modo que tem poder destrutivo e perigoso à comunidade escolar e à sociedade.

Nessa perspectiva, podemos compreender as relações de poder, de modo que o *bullying* pode ser considerado uma forma de olhar que julga e incentiva a (in)visibilidade do outro; podemos compreender, ainda, que o ambiente escolar é um espaço em que essa violência se constitui por meio do olhar social, ou seja, do olhar do agressor mediante sua vítima, que pode ser determinado, muitas vezes, pela aparência daquele que é agredido. Então, partimos da consideração de que o Ensino Fundamental é o período em que são discursivizados com maior frequência os ataques de *bullying* (FRANCISCO; LIBÓRIO, 2009), (ALMEIDA; RIBEIRO, 2011), porém, para esta pesquisa, acreditamos que tanto a vítima quanto o agressor crescem e dão seguimento aos estudos.

Desta maneira, objetivamos analisar como e quais marcas corporais são discursivizadas pelo aluno do Ensino Médio após sofrer *bullying* durante o Ensino Fundamental. A coleta desta pesquisa foi realizada a partir de um questionário com 10 questões discursivas com a participação de 33 alunos do Ensino Médio de uma escola estadual situada em Ituverava, interior de São Paulo e os pressupostos teóricos utilizados sustentam-se na Análise de Discurso pecheuxiana.

### BULLYING, CORPO E MEMÓRIA

A partir de nossos estudos, compreendemos que estamos diante de um sujeito que interpreta e é interpretado, que olha e que é olhado, para si e para o outro, um olhar ideologicamente afetado, e que, de acordo com Orlandi (2016), passa por um processo de memória, pois “assim como as nossas palavras, nosso corpo já vem sendo significado, antes mesmo que não o tenhamos, conscientemente, significado” (ORLANDI, 2016, p. 92), trata-se, então de “Sentidos já dados. Estabelecidos e estabilizados” (ORLANDI, 2016, p. 93), o que nos impulsiona a pensar que se trata de sentidos estabilizados, já-dados e que também condicionam a existência do *bullying*. Desta forma, pelo *corpus* de nossa pesquisa, é possível analisarmos como o sujeito-vítima se olha após essa violência, quais sentidos de visibilidade e invisibilidade atravessam

<sup>1</sup> Trabalho sob orientação da Professora Soraya Maria Romano Pacífico (Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da FFCLRP-USP).

<sup>2</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da FFCLRP-USP.

esse corpo. Um dos sentidos que nos chamam a atenção é sobre o que está na (in)visibilidade da roupa, como podemos observar nos recortes 01<sup>3</sup> e 02<sup>4</sup>:

**Recorte (01): Sujeito-Aluno M:** Um grupo de colegas de classe começou a pegar no meu pé, e a cada dia que passava, as “brincadeiras” ficavam piores. E durante 6 meses, essas “brincadeiras” se baseavam em tentar tirar a minha roupa quando a professora saía da sala.

**Recorte (02): Sujeito-Aluno AC:** Sim, eu odeio comprar roupas, principalmente calças por essa ser uma parte sempre apontada quando eles “brincavam” sobre minha aparência.

A partir da materialização dos discursos dos sujeitos-alunos M e AC, interpretamos que o olhar do agressor ao corpo da vítima está em torná-la pública, visível sob suas ameaças e intimidação. Pelo recorte 01, é possível analisarmos que o agressor quer tornar visível o que o ser humano mais procura esconder, seja por questões cívicas ou por pudor, ou seja, tornar invisível aos olhos da sociedade, sua nudez. Além disso, pelo recorte 02, o sujeito-aluno AC nos indicia seu desconforto com o corpo ao comprar calças. Com base nessa formulação, interpretamos que esse desconforto ocorra, pois vestir a calça para comprá-la exige que o sujeito se olhe, que olhe para partes que ele quer que permaneçam na invisibilidade, inclusive para si, comprar a calça é tirar do invisível um corpo que retorna para o lugar da visibilidade, lugar este que foi violentado e que carrega essas cicatrizes. Sendo assim, consideramos que o olhar do agressor põe o corpo da vítima em visibilidade quando, na verdade, o que ela almeja é estar invisível. Parece-nos que a roupa, um dos invólucros do corpo, desperta no agressor a curiosidade e vê nela um instrumento de humilhação ao desvestir o corpo da vítima; enquanto, para a vítima, a roupa passa a ser um lugar de memória, pela qual sentidos de dor são revividos.

De acordo com Orlandi (2016, p. 93), “o sujeito relaciona-se com o seu corpo já atravessado por uma memória, pelo discurso social que o significa, pela maneira como ele se individualiza”, portanto, pensando que o corpo é atravessado por uma memória e que o sujeito partilha de diferentes formações discursivas, entendemos que, para cada sujeito, são produzidos diferentes sentidos sobre a palavra *bullying*, pois é preciso pensar nas condições de produção dessa formulação e nas formações ideológicas que interpelam os sujeitos. Assim, os sentidos não são dados e nem fechados e que é pelo acesso à memória discursiva que o sujeito-vítima de *bullying* pode deixar indícios materializados discursivamente sobre a sua relação com seu corpo após um dia ter sido vítima dessa violência. Partindo de Pêcheux ([1983] 1999, p. 56),

uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos.

Para Baronas (2011, p. 104) “a memória discursiva é feita também de deslizamentos e de esquecimentos, isto é, que seus desdobramentos não se dão somente enquanto restituição, mas também enquanto transformação e silenciamento de sentidos”. Podemos considerar, então, a memória como um efeito de retomada, um recorte do interdiscurso que vem sob forma de esquecimento, tendo em vista que os

<sup>3</sup> Resposta dada à questão 3: Por qual/quais motivo(s) houve o bullying com você?

<sup>4</sup> Resposta dada à questão 7: O bullying deixou marcas em seu corpo? Quais? (aqui você pode falar sobre marcas físicas e psicológicas).

sentidos podem não ser os mesmos, mas sofrer um deslizamento. Porém, de acordo com Orlandi (1999, p. 65-66), essa memória pode ser também apagada, pois

A falha é constitutiva de memória, assim como o esquecimento (...). Há, assim, 'furos', 'buracos' na memória que são lugares, não em que o sentido se 'cava', mas ao contrário, em que o sentido 'falta' por interdição. Desaparece. Isso acontece porque toda uma região de sentidos, uma formação discursiva, é apagada, silenciada, interditada. Não há um esquecimento produzido *por* eles, mas *sobre* eles. Fica-se sem memória. E isto impede que outros sentidos hoje possam fazer (outros) sentidos. Como a memória é ela mesma contradição do dizível, esses sem sentido não podem ser lidos.

Nesse viés, é possível considerar que esse apagamento da memória, essa interdição na formação discursiva, ocorra pelo discurso autoritário, "aquele em que a polissemia é contida, referente está apagado pela relação de linguagem que se estabelece e o locutor se coloca como agente exclusivo, apagando também sua relação com o interlocutor" (ORLANDI, 2001, p. 85). Esse apagamento pode ser relacionado à prática de *bullying* tendo em vista que o discurso do sujeito-agressor colabora para a interdição e imposição de sentidos de forma que contribui para o silenciamento do sujeito-vítima. É importante considerarmos que isso ocorre porque a tipologia discursiva, "obedece o princípio discursivo pois não se faz a partir de categorizações apriorísticas e externas mas internas ao funcionamento do próprio discurso" (ORLANDI, 2001, p. 85).

Sendo assim, pela tipologia discursiva é possível analisar o funcionamento do discurso pelas relações entre sujeito e sentidos determinados sócio-histórico-ideologicamente. E é considerando o discurso autoritário que entendemos que o discurso do sujeito-agressor de *bullying* funciona como voz de autoridade sobre suas vítimas, sujeitos do Ensino Fundamental, e, mesmo depois, quando esses sujeitos-vítimas já estão no Ensino Médio. Para a pergunta 6 do questionário, 'Você acha que o bullying sofrido no Ensino Fundamental afeta a imagem do adolescente no Ensino Médio? Por quê?', houve a seguinte resposta:

**Recorte (03): Sujeito-Aluno C:** Sim, por exemplo, até hoje eu não gosto muito de falar sobre minha religião, com medo do que pode acontecer.

Como pode ser visto neste recorte, os sentidos sobre religião são interditados, o que contribuiu para que esse sujeito sinta-se desconfortável em falar sobre esse assunto, desconforto que é justificado quando ele formula "medo do que pode acontecer", ou seja, é pela memória discursiva que os sentidos de religião e violência ficam sedimentados, pois a voz de autoridade, o discurso autoritário do sujeito-agressor instaurou esses sentidos de violência. Além da questão 6, é possível identificarmos o discurso autoritário em outras respostas dadas às questões 7<sup>5</sup> e 9<sup>6</sup>:

**Recorte (04): Sujeito-Aluno R:** Questão 9: Não gosto dele, pois já ouvi tantos comentários negativos, que é difícil acreditar que ele seja bonito.

**Recorte (05): Sujeito-Aluno X:** Questão 7: Sim. Eu ainda tenho muitas dificuldades com algumas brincadeiras que fassam mensão ao meu jeito. A vezes amigos meus fazem mensão sobre minha voz (as vezes elogiam por axala bonita) e eu fico muito encomodado lembrando das brincadeiras.

Interpretamos que a voz de autoridade do sujeito-agressor, que circula pelo discurso autoritário, afeta o sujeito-vítima que, ao interditar outros sentidos que possam circular e furar esse discurso autoritário,

---

<sup>5</sup> Questão 7: O bullying deixou marcas em seu corpo? Quais? (aqui você pode falar sobre marcas físicas e psicológicas)

<sup>6</sup> Questão 9: O que você acha do seu corpo hoje? Por quê?

provoca, também, o apagamento dos sentidos de elogio, pois tanto o Sujeito-Aluno R quanto o Sujeito-Aluno X passam a não acreditar em outras vozes que elogiem seus corpos, de forma que, quando isso ocorre, pelo acesso à memória discursiva, são retomados os sentidos de humilhação. Portanto, é possível considerarmos que há sentidos interditados, que o discurso do sujeito-agressor contribui para que haja um efeito do que Orlandi (1999) vai chamar de sem memória, pois com o apagamento e silenciamento da formação discursiva que vê e elogia o corpo não possibilita que novos sentidos sejam instaurados pela memória.

Nesse viés, é importante discutirmos sobre esse silenciamento do sujeito-vítima, pois, por meio dele é possível analisarmos discursivamente a dor vivida pelo *bullying*, pois, “Ante tamanha dor, a mutilação surge, como um recurso –um recurso desesperado, certamente – para arrefecer a angústia” (FORTES, MEDEIROS, 2017, p. 355) como podemos ver no recorte a seguir quando o Sujeito-Aluno B responde às questões 7 e 9:

**Recorte (06): Sujeito-Aluno B:** Questão 7: Sim. por causa do que sofri eu acabava descontando em mim e me multilava cortando os pulsos e outras partes do corpo.

Questão 9: Não gosto, tenho vergonha dele. A não sei explicar o por que eu so não gosto tenho vergonha das marcas que ficaram.

Pelo recorte 06, podemos interpretar que esse sujeito foi vítima de *bullying*, também foi praticante de automutilação e, no Ensino Médio, as marcas, materialidades de sua dor, fazem eco a essa violência, mas agora causam, não só dor, mas também constrangimento a esse corpo, assim, seu corpo passa a carregar marcas que possuem histórica, que funcionam pela memória discursiva e que denunciam, no seu silêncio, a dor do *bullying*. Neste viés, consideramos que o sujeito-vítima de *bullying* que praticou a automutilação, como tentativa de minimizar sua dor, passa a conviver com o que Orlandi (2020, p. 20-21) chama de corpo-memória:

ecos da memória encarnados em corpo, na sua textualização, em que a memória se materializa, atestando o real da história no e do sujeito. A memória, enquanto narrativa que se conta no sujeito, conta em sua identificação, em espaços interpretativos determinados. Não falo da presença física, mas da presença simbólica e da materialidade do espaço.

A nosso ver, quando o sujeito se automutila por causa do *bullying* estamos diante de um corpo-memória em que essas marcas significam pela presença simbólica de seu agressor, mesmo ele não estando mais presente na mesma turma, na mesma escola. Além disso, se estamos tomando o corpo como texto, as marcas do corte textualizam esse corpo e passam a fazer eco a uma violência sofrida no Ensino Fundamental. É possível fazermos uma comparação: enquanto Orlandi (2016, p. 197) considera a tatuagem como um gesto da escritura de si em que o sujeito “se apresenta com seu senso crítico, sua reflexão, sua recusa, seu desacordo, sua rebelião, sua revolta”, no corte da automutilação temos um gesto da escritura de si que denuncia sua dor na solidão, tanto que fica, na maioria das vezes escondido. O que queremos chamar a atenção aqui é que essa escrita de si, esse corte, feito por causa do *bullying*, retomará os sentidos de violência pela memória discursiva

Orlandi (1999) explica que os sentidos instaurados pela memória discursiva não são enraizados, pelo real da história e pelo real da língua, pode haver o deslizamento de sentidos de forma que haja uma ruptura e os sentidos passem a ser outros, sendo assim, os sentidos sobre corpo e *bullying* também podem

ser ressignificados para os sujeitos que foram vítimas dessa violência no Ensino Fundamental. Podemos identificar essa ruptura de sentidos nos recortes a seguir quando os sujeitos-participantes respondem à questão 9 que trata sobre 'O que você acha do seu corpo hoje? Por quê?':

**Recorte (07): Sujeito-Aluno A:** Eu me sinto bem com meu corpo, aprendi a me aceitar como eu sou. Demorou muito para eu descobrir o significado de amor próprio.

**Recorte (08): Sujeito-Aluno X:** hoje me aceito mais, meio que entendi que é o que eu sou e todas essas características fazem parte da minha história. Por esse fato tento mudar de forma sadia o que é possível.

Por estes dois recortes, identificamos sentidos de sensação de bem estar, aceitação, o que nos indicia que estes sujeitos foram afetados pelo *bullying* no Ensino Fundamental, mas que, no Ensino Médio, conseguem olhar para seus corpos sem que os sentidos de dor ganhem destaque em suas relações consigo e com o outro.

Pelo discurso do Sujeito-Aluno X, no recorte 08, consideramos que esse sujeito partilha da formação discursiva da saúde, de modo que aceita e respeita as singularidades de seu corpo, considerando que estas fazem parte de sua história, assim, interpretamos que esse outro olhar de si contribui para a ruptura dos sentidos de violência que eram evocados pela memória discursiva. Nesse viés, o Sujeito-Aluno A e Sujeito-Aluno X nos indiciam que também partilham dessa ressignificação de seus corpos, mas que não se trata de um processo rápido, entendemos que ele se dá pela constituição do sujeito sócio-histórico-ideológico, pois é nesta constituição que a relação com o outro também se dá, e que o sujeito desliza de uma formação discursiva para outra e, ainda, passa a partilhar de diferentes formações ideológicas, que, neste caso, não são mais as do sujeito-agressor.

Portanto, nesta pesquisa, pudemos analisar que o discurso do sujeito-vítima que sofreu *bullying* no Ensino Fundamental continua produzindo sentidos de dor mesmo quando este chega ao Ensino Médio. Pelo efeito da memória discursiva, que se mantém regulada, o sujeito-vítima de *bullying* desconfia de elogios feitos ao seu corpo; além disso, pelos cortes de automutilação ocorre a materialização da dor em um corpo que foi silenciado, a materialização do desconforto desse corpo e tentativa de apagamento da dor na substituição da dor física pela psíquica. Apesar de que esses foram os sentidos mais recorrentes em nosso corpus, sabemos que os sentidos podem vir a ser outros, desta forma, as marcas dos corpos dos sujeitos-alunos causadas pelo *bullying* podem ser ressignificadas pela memória discursiva, como alguns discursos indiciam, em que houve uma ruptura com os sentidos naturalizados pelo discurso do sujeito-agressor. Seja por um sentido, ou por outros possíveis, nosso trabalho aponta que os efeitos do *bullying* no corpo da vítima não são apagados quando o ano letivo termina, ficam marcados e podem ser retomados ou ressignificados pela memória discursiva.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. B. M.; RIBEIRO, S. S. *Bullying: que bicho é esse? In: EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino*, 4., 2011.

BARONAS, R.L. *Ensaaios em Análise de discurso: questões analítico-teóricas*. São Carlos: EdUFSCar, 2011.

FANTE, C. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. São Paulo: Verus Editora, 2011.

FORTES, I.; MEDEIROS, M. Automutilação na adolescência - rasuras na experiência de alteridade. **Psicogente**, Barranquilla, v. 20, n. 38, p. 353- 367, dez. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/psico/v20n38/0124-0137- psico-20-38-00353.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2021.

FRANCISCO, M. V.; LIBÓRIO, R. M. C. Um estudo sobre bullying entre escolares do ensino fundamental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, n. 2, p. 200-207, 2009.

ORLANDI, E.P. Maio de 1968: os silêncios da memória. *In*: ACHARD, P. *et al.* (org.) **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, E.P. **Análise De Discurso**: Princípios e Procedimentos. 3. ed. Campinas, SP: Pontes. 2001.

ORLANDI, E.P. **Discurso em Análise**: sujeito, sentido e ideologia. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

ORLANDI, E.P. Artefato, Metaforização e Ciências Humanas. *In*: DIAS, C. P. C.; COSTA, G. C.; BARBAI, M. A. (org.). **Artefatos de Leitura**. Campinas, SP: LABEURB/NUDECRI/Unicamp, 2020.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. *In*: ACHARD, P. *et al.* (org.) **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.